

**ANAIS DO
IIIº Colóquio Periódicos & Literatura:
o estado da arte e uma projeção para o próximo biênio**



**PUBLICAÇÕES EFÊMERAS, MEMÓRIA
PERMANENTE?: A TÍTULO DE INTRODUÇÃO**

Maria Ione Caser da Costa

FBN

A Biblioteca Nacional (BN), depositária do patrimônio bibliográfico e documental do Brasil, tem a missão de garantir o acesso à memória cultural brasileira. Para isso, além da guarda e tratamento técnico, vem desenvolvendo atividades e projetos, com o objetivo de melhorar e democratizar o acesso ao seu acervo, fonte primária de pesquisa.

A BN investe em projetos e tecnologias para garantir a preservação e o acesso aos seus documentos, e através da digitalização, pôde disponibilizar grande parte de seu acervo na internet.

O Banco de Dados criado pelo projeto *Periódicos & Literatura: publicações efêmeras, memória permanente*, idealizado para identificar os periódicos ‘esquecidos’ no acervo da Coordenadoria de Publicações Seriadas (COPER) da BN é fruto de um trabalho desenvolvido por uma pequena equipe e, a partir dele, foi desenvolvido um estudo para que os títulos que o integram pudessem ser digitalizados.

Com a finalidade de obter subsídios para a indicação de um ranqueamento para digitalização daqueles periódicos, foram analisados os elementos descritores do Banco de Dados do Projeto.

De acordo com Assmann (2011, p.17) “a comunicação entre épocas e gerações interrompe-se quando um dado repositório de conhecimento partilhado se perde”. Mas, existem restos ou ruínas desse repositório que podem ser considerados achados arqueológicos e, assim, após (re) documentados “possam então se erguer como ciência, tal qual uma fênix, a partir das cinzas da experiência” (ASSMANN, 2011, p.19). Ainda de acordo com a autora, essa arqueologia é uma instituição da memória cultural que recupera informações pertencentes a um

passado distante, “forjando uma importante via de retorno do esquecimento cultural para a memória cultural” (ASSMANN, 2008, p. 98, tradução nossa).¹

A importância dos rastros documentais: perspectivas teóricas sobre memória e esquecimento

Falar sobre a dinâmica de lembranças e esquecimentos é falar sobre o aparente paradoxo ‘memória guardada X memória esquecida’. Serão abordados, entre outros, os conceitos discutidos por Aleida Assmann, Jacques Le Goff, e Krzysztof Pomian. Em seguida, um diálogo com a abordagem teórica de uma área que leva em consideração as questões científicas e o fazer profissional, a Organização e Representação do Conhecimento (ORC).

A organização da informação em bibliotecas investiga os princípios teóricos e metodológicos para uma estruturação temática do tratamento, armazenamento e recuperação da informação, com o fim precípuo de garantir sua conservação e disseminação.

Aleida Assmann² investiga as várias formas de recordação cultural, dentre elas, a escrita, afirmando que “a medialidade da escrita toma parte no projeto de eternização”, (ASSMANN, 2011, p.195) e interroga maneiras que assinalam o fim da memória no mundo contemporâneo. Em seu livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, Assmann segue um roteiro teórico que trata primeiramente das funções da memória cultural, chegando até a “memória funcional” e a “memória cumulativa”, traçando também um diálogo com Krzysztof Pomian sobre história e memória. Segue apontando os “meios”, isto é, as mídias da memória e finaliza discorrendo sobre o acúmulo da memória cultural, os “armazenadores da memória”.

As metáforas da memória associam-se a diferentes formas ao serem edificadas, e apontam que a “provisão de memória que a biblioteca conserva está voltada a uma expansão constante” (ASSMANN, 2011, p.172-3). Nesse sentido, temos em uma biblioteca a possibilidade de acesso ao saber sobre o passado e o presente, em que essa se firma como templo gerador de compromissos “com a lembrança que se manterá no futuro”. O argumento da existência de arquivos de memória, que segundo Assmann, se constitui pelos documentos escritos, pode reconstruir o passado, assumindo uma importância que havia desaparecido, mas que pode ser restaurada.

Nossa memória é completamente seletiva, isto é, para que nos lembremos de algumas coisas, deveremos esquecer outras, afirma a autora. Um exemplo prático para esta afirmação pode ser observado na organização de publicações em uma biblioteca. O setor de periódicos da

¹ Archaeology is an institution of cultural memory that retrieves lost objects and defunct information from a distant past, forging an important return path from cultural forgetting to cultural memory.

² Pesquisadora alemã, nascida em março de 1947, desde os anos 90 vem se dedicando aos estudos da teoria da memória. Juntamente com seu marido Jan Assmann, também pesquisador da memória e historiador da cultura egípcia, deram uma palestra sobre o tema da memória cultural no auditório da FBN, em 21 de maio de 2013. Ver <http://www.iea.usp.br/pesquisa/conferencistas-internacionais/aleida-assmann>.

BN tem seis andares em seu prédio sede, que transformados em quilômetro linear (kml), somam um total aproximado de 17 quilômetros lineares de prateleiras com publicações, alocadas em um grande armazém, onde, após o registro e processamento técnico, ficam à disposição para consulta dos leitores. Desde o início do processo de formação da coleção de periódicos ocorreram diversas mudanças, tanto físicas quanto tecnológicas. O processamento técnico passou de manual a informatizado, passando por todas as dificuldades próprias que ocorrem em todo processo de implantação e mudança de sistemas. Nesse fazer, um número expressivo de títulos ficou ‘arquivado’ simplesmente, sem que fosse possível ser encontrado. Tornaram-se esquecidos. E estes documentos esquecidos também poderão reconstruir um passado, contar uma história, trazer de volta nomes e obras, a partir do momento que sejam colocados novamente à vista para consulta, assumindo um lugar que havia desaparecido.

Nesse processo de armazenamento de um acervo que cresce indiscriminadamente, a partir das doações, permuta ou através do depósito legal³ – basicamente uma banca de jornal chega diariamente à BN –, num espaço físico limitado, que há décadas já dá sinais de não ser suficiente para acomodar todas as publicações, se torna necessária uma constante realocação das mesmas. Como a coleção de periódicos é composta por uma variedade muito grande de títulos e suas referidas coleções, que em sua maioria ocupam um grande espaço físico, nem sempre há como fazer mudanças. Existem títulos que podem ficar ‘esquecidos’ em meio as grandes coleções.

Ao comparar memória e esquecimento com os títulos de periódicos relacionados no Banco de Dados do projeto *Periódicos & Literatura* é possível fazer funcionar o conceito de Assmann. Títulos esquecidos, mas que contam a história de uma época, títulos que os estudiosos poderão conhecer ou re-conhecer. Pode-se entender que toda a informação motiva a construção de novos significados.

Ao discutir o significado de Memória, Jacques Le Goff⁴ considera-o crucial. A era da escrita e seu efeito sobre a memória “foi importante, pois imprimiram-se sobretudo tratados científicos e técnicos que aceleraram e alargaram a memorização do saber” (LE GOFF, 1984, p.33).

De acordo com Le Goff, tais estudos tiveram “repercussões directas sobre as pesquisas dos psicólogos sobre a memória, passando-se de um estágio fundamentalmente empírico a um estágio mais técnico”. De acordo com o autor, a experiência de psicanalistas e psicólogos a propósito da recordação e do esquecimento, “nas manipulações conscientes ou inconscientes,

³ O Depósito Legal foi estabelecido para assegurar a coleta, a guarda e a difusão da produção intelectual brasileira, visando à preservação e formação da Coleção Memória Nacional, incluindo obras de natureza bibliográfica e musical. (<https://www.bn.br/sobre-bn/deposito-legal>).

⁴ Jacques Le Goff nasceu em 1924 na cidade francesa Toulon, e faleceu em abril de 2014, em Paris, é considerado um dos mais importantes historiadores franceses.

que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura” (LE GOFF, 1984, p.13), tem o poder de exercer importante papel na memória individual. Para ele a memória coletiva está

posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (LE GOFF, 1984, p.13).

Estes esquecimentos, bem como os silêncios, são reveladores dos mecanismos de manipulação da memória coletiva. A “memória colectiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos” (LE GOFF, 1984, p.95).

O que sobrevive numa luta entre documento e monumento, “não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efectuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores” (LE GOFF, 1984, p.95). Aos “profissionais científicos da memória”, hoje, os pesquisadores, bibliotecários, historiadores, os cientista da informação, cabe levar a diante uma “luta pela democratização da memória social, um dos imperativos prioritários da sua objectividade científica” (LE GOFF, 1984, p.47).

Todo documento é um monumento, pois é fruto das escolhas de quem o prepara ou com ele trabalha e selecciona.

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto documento permite à memória colectiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 1984, p.102).

A finalidade desta pesquisa foi resgatar do limbo os periódicos arrolados no Banco de Dados do projeto *Periódicos & Literatura*, para que esses documentos voltem a figurar como monumentos.

O significado e importância das coleções são estudados por Krzysztof Pomian⁵. Segundo ele,

o número de objectos que formam a coleção depende do local em que se acumulam, do estado da sociedade, das suas técnicas e do modo de vida, da sua capacidade de produzir e acumular o excedente, da importância que se atribui à comunicação entre o visível e o invisível por intermédio dos objectos. (POMIAN, 1984, p.67).

Pomian define as coleções como acúmulos de coisas sem valor de uso, arranjadas para apreciação do público, retiradas do cotidiano e protegidas em lugares especiais. “E é assim com

⁵ Krzysztof Pomian, nascido na Polónia, em 1934, é filósofo e historiador. Seu ensaio sobre Coleções, publicado na Enciclopedia Einaud, edição portuguesa de 1884, pode ser considerado um dos mais importantes estudos sobre o assunto.

cada coisa, que acaba neste mundo estranho, onde a utilidade parece banida para sempre” (POMIAN, 1984, p. 51).

No nosso caso os objetos guardados são os fascículos periódicos, que, apesar de ficarem mantidos fora do circuito de utilização não significa que devem ser esquecidos, afinal, segundo Pomian “ainda que não tenham qualquer utilidade e nem sequer sirvam para decorar os interiores onde são expostos, as peças de coleção ou de museu são, todavia rodeadas de cuidados” (POMIAN, 1984, p. 52). Necessitam de cuidados especiais – guarda, descrição, armazenamento, restauro etc., para que continuem desempenhando seu papel, pois a cada olhar despedido sobre eles, a cada consulta realizada, serão agregados novos valores à coleção em questão, produzindo, desta forma, a disseminação da informação nele contida.

A criação das primeiras bibliotecas foi estabelecida pela necessidade que tinham “os sábios, os escritores, os eruditos e os artistas”, no exercício das atividades profissionais, que exerceram pressão para terem livre acesso “aos livros e aos manuscritos, às fontes históricas” (POMIAN, 1984, p.82). Naquele momento, as coleções que sempre estiveram ligadas a pequenos grupos, abriram-se ao público. Pode-se associar a ideia de um espaço onde se guardam todos os saberes, e onde os saberes podem ser encontrados. O autor entende o ato de colecionar e a formação de coleções como parte de processos históricos.

Pomian conclui informando que no estudo das coleções, os objetos devem ser “acessíveis a todos” e “devem ser preservados” pois,

saídos do invisível, é para lá que devem voltar. Mas o invisível ao qual estão destinados não é o mesmo de onde são originários. Situa-se algures no tempo. Opõe-se ao passado, ao escondido e ao longínquo que não pode ser representado por objecto algum. Este invisível que não se deixa atingir senão na e através da linguagem é o futuro. Ao colocar objectos nos museus expõem-se ao olhar não só do presente, mas também das gerações futuras (POMIAN, 1984 p. 84).

Os estudos que versam sobre o campo da memória utilizam termos que tem significação oposta, isto é, que são antônimas. Para Dodebei (2010, p.13), esta não é a melhor forma de análise, tendo em vista a interdisciplinaridade do campo. Melhor seria

pensar em diferentes modos de lembrar a partir das diversas culturas. Esse enfoque considera o pressuposto de que o passado não está dado, mas, ao contrário, deve ser continuamente construído e apresentado. Uma vez que nossas memórias de eventos passados (individuais e coletivos) podem variar segundo graus e enfoques.

Sendo a conservação da memória nacional, por intermédio de suas coleções, uma das funções da BN, presume-se que toda publicação contida em seu acervo, na maioria dos casos em exemplares únicos, dotados de interesse histórico ou científico, seja importante e faça parte de

uma coleção. Pomian definiu como função essencial da coleção a característica de colocar uma união entre o “mundo visível” e o “mundo invisível”, entendendo por invisível àquilo que se situa de modo espacial ou temporal no distante, no desconhecido.

Matrizes da memória: organização do conhecimento e recuperação da informação

A possibilidade de construção de novos conhecimentos existe desde a Antiguidade, quando o homem teve a preocupação de registrar, armazenar, difundir, transmitir e compartilhar seu aprendizado. O conhecimento está, portanto, em eterno crescimento. Dahlberg, desenvolve a teoria do conceito e afirma que,

desde que o homem foi capaz de pensar e de falar, empregou palavras (conjunto de símbolos) para designar os objetos de sua circunstância assim como para traduzir os pensamentos formulados sobre os mesmos. Foi também através de formas verbais que se fez entender pelos seus semelhantes (DAHLBERG, 1978, p. 101).

Baseada em práticas e atividades significativas de armazenagem e recuperação de documentos, Fujita (2001, p.29) aponta que

no decorrer de um processo de aperfeiçoamento da sistematização do conhecimento humano, a organização do conhecimento tem suas origens na criação, por bibliotecários, de sistemas de classificação como instrumentos de organização temática de documentos para armazenagem.

As atividades da OC estão direcionadas a duas funções básicas: o acesso aos documentos em bibliotecas e a recuperação do conteúdo intelectual dos documentos. Para ela, “o documento é visto sob dois aspectos: como um objeto físico e como portador de conhecimento”. Uma das funções do bibliotecário é desenvolver instrumentos “indispensáveis ao tratamento de documentos e informação para finalidades de recuperação” (SOUZA, 2007, p.104).

A maneira de organizar e recuperar informação sempre esteve condicionada à tecnologia associada. Conforme Miranda (1999, p.64),

com o passar do tempo, os suportes acompanharam o aumento do volume de informação a ser registrada. Com o advento da imprensa, a produção do conhecimento humano cresceu significativamente, sendo necessário que se desenvolvessem técnicas de organização e armazenamento para que os documentos fossem recuperados.

Buscando na literatura da área biblioteconômica, encontra-se a denominação Organização e Representação do Conhecimento (ORC). Ressalte-se a assiduidade com que os termos OC e OI têm sido utilizados de forma indistinta como referência a um mesmo processo. Aqui, preferimos utilizar o termo OC, utilizado pela *International Society for Knowledge Organization*

(ISKO), uma Sociedade científica interdisciplinar, formada por capítulos nacionais de diversos países, que reúne profissionais de diferentes campos do conhecimento. A ISKO foi

criada em 1989, na Alemanha (Frankfurt) tendo à frente Ingetraut Dahlberg. No entanto, as origens da ISKO, como esclarece a própria Dahlberg (1993), remontam a 1974, com a criação da Society for Classification, de natureza interdisciplinar, voltada para questões relacionadas com a Classificação (GUIMARAES; DODEBEI 2012, p.13).

Já a criação do capítulo brasileiro da ISKO ocorreu em 2007 pela aprovação de seu estatuto em assembleia realizada durante o VIII ENANCIB (Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação), ocorrido em Salvador (FUJITA, 2008).

Deve ser levado em consideração para a escolha do termo OC, a necessidade de haver uma relação entre os documentos, que se transformam em conhecimento, e sua organização, a fim de que esta se materialize e se torne cíclica.

Para Dodebei (2002, p.13), “o desenvolvimento de um sistema que permitisse uma racional organização do conhecimento foi a meta de Otlet, que iniciava o convívio com a explosão documental, ou, como chamou posteriormente Bradford, o ‘Caos Documentário’”. A autora assegura que “é nesse momento que se formam as memórias documentárias, consideradas construções simbólicas do conhecimento”.

Segundo Miranda (1999, p.68), “as representações utilizadas na recuperação e transferência da informação são pontos de partida de ações sociais”. De acordo com o autor, vários estudos têm sido realizados para que seja facilitada ao usuário uma rápida e eficaz recuperação e visualização da informação.

Gomes (2009, p.61 apud CHERNYI, 1997), diz que a OC “pode ser entendida, então, como ‘representação ordenada do conhecimento para alcançar propósitos específicos’, sendo o propósito ‘o fator dominante para a escolha de um método de descrição, formalização e representação do conhecimento’”. Pode-se dizer que para uma correta OC são necessários três procedimentos: o primeiro deles seria o processo de produção do conhecimento, aquele que encontramos registrado; o segundo seria a sua organização, que se torna possível através dos vários sistemas de classificação, tesauros etc.; e o terceiro procedimento, encontra-se a acessibilidade dada a estes documentos.

Um novo olhar para os instrumentos de tratamento e recuperação da informação foi dado por Ranganathan. De acordo com Miranda (1999, p.71), “Ranganathan foi o primeiro bibliotecário e cientista da informação a reconhecer o papel relativo ao desenvolvimento e à estrutura de estudos de assunto na representação do conhecimento”. Através de sua abordagem teórica, matematizou a classificação, elaborando a classificação facetada, representações dos

tipos de conceitos em áreas especializadas do conhecimento, sintetizando-as em expressões combinatórias que formam as classes construídas analítico-sinteticamente, de um determinado tópico de documento.

Como exposto, é importante verificar que, apesar dos estudos teóricos e a observação das práticas executadas, os estudiosos tinham a mesma preocupação: organizar a informação, possibilitando, desta forma, sua recuperação.

A organização do conhecimento registrado no Banco de Dados do projeto *Periódicos & Literatura*, apontou para consistências de informações que poderiam passar despercebidas. Os elementos descritores dos periódicos, no Banco de Dados, apresentam informações que não são encontradas normalmente em um catálogo *on line*, ou mesmo em uma busca aos arquivos de qualquer biblioteca.

Foi possível compreender a obsolescência ocorrida com algumas formas de organização nos periódicos da BN durante as últimas décadas. Pautados nos autores que vislumbrando um novo campo de estudo, direcionamos para uma melhor recuperação da informação favorecendo seu acesso.

Periódicos & Literatura: publicações efêmeras, memória permanente

A reunião de criação do projeto *Periódicos & Literatura: publicações efêmeras, memória permanente* aconteceu em 2006. Inicialmente o projeto teve como tarefa principal estabelecer critérios e estratégias para identificar os periódicos ligados ao campo literário. De acordo com Corrêa (2010, p.155), periódicos literários, no que concerne ao projeto, são “todos aqueles que incluem em sua pauta assuntos literários, de maneira exclusiva ou não, poesia ou narrativas, textos informativos, de crítica e debate”. Para a demarcação do limite temporal, recorreremos à explicação de Silva e Costa (2014, p.33), de que foi dado “ênfase no intervalo compreendido entre os anos de 1850 a 1945”. As autoras também explicam o que foi considerado como periódicos de vida efêmera: “aqueles títulos que tivessem um número restrito de exemplares publicados”.

No que tange ao quantitativo das publicações esquadrihadas no acervo da BN, “uma estimativa preliminar do projeto propunha entre 1.000 e 1.200 o número de títulos relacionados a temáticas literárias” (CORRÊA, 2010, p.157). Formavam-se assim os limites de uma coleção específica de documentos e suas características, que podem ser associados como a “imagem da escavação arqueológica” mencionada por Assmann⁶ (2011, p.175), quando “introduz na teoria da memória a categoria da profundidade. Com profundidade associa-se um modelo espacial de

⁶Aleida Assmann utiliza o conceito de escavar de Freud, que compara o trabalho do psicanalista com o trabalho do arqueólogo.

memória, que vincula o espaço não com capacidade de armazenamento, mas com inacessibilidade e indisponibilidade”.

O passo seguinte do projeto foi a elaboração de uma ficha para a coleta dos dados bibliográficos contendo além dos dados biblioteconômicos, informações sobre a história do periódico e as aplicações das artes de representação visual de cada título, dentre outros itens.

A busca nos armazéns pelos periódicos que atendiam aos objetivos do projeto e a transcrição dos dados nas planilhas apontaram até 2012 cerca de 400 títulos. As planilhas preenchidas incluem as informações biblioteconômicas, e, além delas apresentam a indicação do estado de conservação de cada publicação. Estas informações, atualmente, não se encontram acessíveis para o leitor, constituindo-se em documentos e dados para trabalho exclusivo dos integrantes do projeto.

Em 2009, três anos após o início do projeto, um ano após o lançamento da primeira versão do portal da BN na *web*, cerca de dez títulos apenas, passaram a integrar aquele endereço eletrônico como um dos projetos temáticos. Além das imagens da publicação digitalizada, um pequeno artigo contando a história do periódico e a biografia de um ou dois personagens que colaboraram com a publicação, podiam ser consultados naquele espaço *on line*. Desde então a página do projeto *Periódicos & Literatura* vem se mantendo no portal da BN, estando atualmente em sua terceira versão⁷. Infelizmente não foram guardadas as duas primeiras versões, confirmando o que diz Bettencourt (2014, p.167) “a memória recente, sobretudo aquela em meios eletrônicos, perde-se em sua volatilidade”. Eis aí um problema a ser enfrentado o mais urgente possível pelas bibliotecas nacionais.

A página do projeto *Periódicos & Literatura* – com acesso através da BNDigital, pode ser visualizada em um de seus dossiês da Biblioteca Digital Brasileira. Ao clicar com o mouse sobre o dossiê, uma série de links para navegação será apresentado. Clicando na opção ‘Títulos’, será possível visualizar a relação dos títulos já colocados na página. Cada um deles apresenta seu histórico. Para a elaboração desses históricos foram utilizados os próprios fascículos.

No histórico de cada título são mencionados personagens que, de alguma forma, fazem parte do conteúdo desse periódico. São autores consagrados de nossa Literatura, ou meros colaboradores, que atendendo ao chamado da revista, enviaram seus textos ou poemas, e estes foram publicados. Na relação dos colaboradores de cada título, descritos no histórico, alguns aparecem com uma cor em destaque, e clicando sobre seu nome com o cursor do mouse, uma nova janela é aberta. Esta janela remete a biografia desse autor. Para a elaboração das biografias foram utilizadas fontes biográficas de pesquisa e fontes da internet.

⁷Que pode ser visualizada no endereço eletrônico da BN, no sítio://bndigital.bn.br/dossies/periodicos-literatura/

A lista de personagens é bem extensa. A consulta preliminar ao link personagem, na página inicial do projeto, poderá fazer o caminho inverso: escolhe-se o personagem, e, ao clicar em seu nome, abrir-se-á sua biografia que remeterá aos periódicos que ele colaborou.

Geralmente, abaixo da biografia de cada autor, coloca-se o poema de autoria da personalidade escolhida, que se encontra publicado no periódico em questão. Para isto observou-se retratar, o mais fielmente possível a diagramação da época, bem como sua grafia.

Este processo de inclusão dos títulos e personagens na página do projeto na *web* não aconteceu do dia para a noite. O ano de 2009 marcou o início das informações na página. Este é um trabalho que ainda está em construção. Os outros títulos continuavam nas planilhas preenchidas, mencionadas anteriormente. A dificuldade advinda do manuseio diário destas planilhas propiciou um novo formato de organizar as informações para os integrantes do projeto. A inserção das informações nelas contidas num Banco de Dados criado em Programa Excel, facilitou a consulta, agrupando os elementos para uma melhor visualização e checagem.

Exploração e análise das informações

Nos últimos anos, um novo formato para armazenar as informações transformou de forma excepcional o acesso à pesquisa: a rede *web*. Seu advento provocou mudança nos meios de comunicação em todo o mundo. A BN também procurou se adequar aos novos tempos, revendo suas metas de preservação e acesso à memória documental que se encontra sob sua guarda.

Entendida “como um caminho para complementar soluções relacionadas tanto à preservação quanto ao acesso” (MOREIRA et al., 2007, p. 89), a digitalização tem sido um recurso utilizado pelas bibliotecas e arquivos documentais de todo o mundo, pois dão acesso, disseminam a informação, e preservam os originais.

Para Angela Bettencourt (2014, p.17), coordenadora da BNDigital,

a interoperabilidade, ou seja, a comunicação entre sistemas, supera não só as fronteiras geográficas, mas também os limites físicos quantitativos e qualitativos dos estoques de informação depositados nessas instituições. Isto porque, dentre as inúmeras possibilidades que o digital oferece, está a de poder reunir, de forma virtual, coleções e fundos de valor histórico e cultural depositados em instituições distintas, transpondo assim as barreiras físicas e geográficas, ao complementar, contextualizar e interconectar estoques de informação dispersos em instituições de memória espalhadas pelo Brasil e pelo mundo.

Ainda de acordo com Bettencourt (2014, p.143) “as primeiras iniciativas de digitalização na BN aconteceram em 1998, por ocasião do lançamento da primeira versão do seu portal na *web*”. A autora afirma que, naquela ocasião, objetivava-se testar o sistema com diferentes tipos de documentos digitais, tais como: textual, visual e sonoro. Porém, a falta de equipamentos necessários à

digitalização sistemática das coleções impediu a ampliação do projeto como planejado, para atender as necessidades.

Acompanhando os novos conhecimentos e mantendo sua preocupação básica - a preservação de seu acervo - a BN voltou os olhos para a importância da padronização no tratamento da preservação digital. O marco inicial para a identificação destes procedimentos foi, de acordo com Bettencourt (2014, p.144), “o projeto Biblioteca Virtual da Cartografia Histórica dos séculos XVI a XVIII, fruto de convênio firmado com a FINEP, em dezembro do ano 2000”. A autora explica que a partir de então se tornou determinante a criação do Laboratório de Digitalização da BN,

cujos serviços possibilitaram que a instituição implantasse a biblioteca digital de forma autossuficiente. O Laboratório de Digitalização iniciou a formação de uma coleção digital destinada tanto ao acesso quanto à preservação, o que impôs a observância de padrões que garantissem não só a usabilidade dos arquivos digitais, mas também a sua perenidade em longo prazo (2014, p.144).

A partir da formação da primeira coleção digital, começou a ser implantada a biblioteca digital. Iniciou sua missão fazendo a “conversão de documentos analógicos para formatos digitais” propiciando desta maneira, “novas formas de acesso às coleções da Biblioteca Nacional, além de contribuir para a preservação das obras originais”. Deste modo pode diversificar sua esfera social (comunidade ou público-alvo) enriquecendo as possibilidades de acesso e uso. Promover a salvaguarda de seu acervo e subsidiar atividades culturais e de extensão, em nível local, nacional e internacional, que envolvam o uso da imagem digital como recurso de difusão, segurança, preservação e salvaguarda (BIBLIOTECA NACIONAL, 2015).

Com o cuidado de respeitar a legislação de direitos autorais, a BNDigital é composta por acervo de publicações em domínio público ou por coleções e peças que tenham recebido autorização de seus autores ou dos detentores dos direitos desses documentos.

No escopo do projeto *Periódicos & Literatura*, uma pesquisa do campo dos estudos de periódicos ligados à literatura nacional, pretende cooperar tanto para a criação de memórias, quanto para a revitalização cultural de títulos e personagens fora do cânone. A digitalização desses periódicos permitirá o acesso a estudiosos e pesquisadores de qualquer parte do mundo, encurtando distâncias, bastando para isto estar conectado a um computador em rede em qualquer parte do mundo.

O projeto identificou quase quatrocentos títulos que, sem descrição bibliográfica adequada, não tinham condições de serem encontrados através de busca na base de dados. Estes títulos possuem poucos fascículos em suas coleções, diferenciando-se bastante das grandes coleções que a COPER reúne em seu acervo, e que, em sua maioria, já estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira (HDB), como por exemplo: Revista da Semana, O Malho, O Cruzeiro, Tico-Tico e Careta, dentre tantos outros exemplos de fontes primárias para consulta que já compõem a memória acessível.

Em 2016, na página do projeto *Periódicos & Literatura* encontravam-se elencados 36 (trinta e seis) títulos, dos 396 (trezentos e noventa e seis) incluídos no Banco de Dados, objeto de nosso estudo. Dos 36 (trinta e seis) títulos, 10 (dez) já haviam sido digitalizados e podiam ser visualizados a partir do dossiê do projeto *Periódicos & Literatura* na BNDigital e 10 (dez) estão digitalizados e disponíveis no portal da HDB, na íntegra ou somente alguns fascículos, incluindo além das coleções localizadas na COPER, algumas que se encontram na seção de Obras Raras (OR)

Analisar esses documentos através das informações colocadas no Banco de Dados, montar uma ordenação crescente para que os títulos ali listados fossem digitalizados e buscar o saber que pode ser disseminado, foi nossa proposta.

A análise feita em cada um dos descritores do Banco de Dados gerou uma sequência de informações que foram também analisadas. A partir desta análise foi-se criando parâmetros para conseguir um ranqueamento da sequência ideal a ser seguida no envio dos periódicos para a digitalização. Este passo a passo foi longo e extremamente trabalhoso, necessitando um esforço e um detalhamento que não caberia aqui, neste espaço.

Para conhecimento de todo o trabalho executado, sugiro a consulta ao site da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, onde a íntegra da dissertação pode ser consultada⁸.

Proposta de digitalização para a coleção

Assmann (2011, p. 195, grifos da autora), enfatiza que os tipos de memórias e recordações existentes e seus armazenadores - que são os suportes de conservação, a evolução tecnológica e os modos de preservação são pontos cruciais para a memória. Ela afirma que “nos escritos dos literatos mais tardios, tornou-se um *topos* fixo a noção de que a escrita permanece intocada pela ação destrutiva do tempo e de que ela representa um *medium* único para a imortalidade”. Caberá mostrar a seguir, que esse *topos* “intocado pela ação destrutiva do tempo” se confronta com sua própria ação, que pode torná-la inacessível e incompreensível. Nessa comparação, entretanto, prevalece uma exigência de eternidade, pois o tempo destruidor também tem sua força renovadora, através das novas mídias que traçam sua chance de imortalidade.

Socializar a informação tornou-se um fator imprescindível nos dias atuais. E poder socializar uma informação que, de certo modo encontrava-se perdida, avistando a possibilidade de construção de novos saberes e conhecimentos é fator preponderante nesse estudo. A informação armazenada apenas no papel encontra-se restrita a um espaço físico exclusivo, dificultando dessa forma, seu acesso, tornando-a, em alguns casos, esquecida. Colabora também

⁸ <http://www.unirio.br/ppgb/arquivo/maria-ione-caser-da-costa>

para o esquecimento o suporte papel, que por ser material sujeito a deterioração pela ação de agentes ambientais, químicos, biológicos e também pelo manuseio, tende a se perder com o passar dos anos.

O conhecimento esquecido neste caso poderá ser trazido à tona por meio da internet que, na atualidade, desempenha um papel fundamental para a propagação da informação. Segundo Assmann, “assim como a internet cria uma estrutura para a comunicação através de grandes distâncias no espaço, a memória cultural cria uma estrutura para a comunicação através do abismo do tempo” (2008, p.97, tradução nossa).

E é para tentar colocar uma ponte neste abismo do tempo que marcou determinadas publicações seriadas, que estamos propondo a digitalização de alguns títulos. Foram criadas vinte e nove listagens que delimitaram a ordem a ser seguido para implementar a rotina de envio dos títulos de periódicos para a digitalização.

Alguns percalços foram encontrados no detalhamento das listagens, mas, utilizando as informações que a prática na lida com estes mesmos títulos e com as informações que fomos agregando, conseguimos finalizar com eficiência e ordem.

O planejamento para a inserção da Coleção *Periódicos & Literatura* na Biblioteca Nacional Digital ficou pronto. Foram muitas conferências de títulos, contagens de fascículos e de páginas, montagens de listas, e uma infinidade de consultas ao Banco de Dados. Mas o planejamento, ou como mencionado pela coordenadora da BNDigital,, “a metodologia para que você possa elaborar seu projeto” ficou pronta.

Em nosso trabalho, montamos uma proposta para a digitalização daqueles títulos, seguindo parâmetros facilitadores para o envio dos volumes ao Laboratório de Digitalização, fazendo com que o manuseio dos originais se dê apenas uma vez. Foram formadas 29 (vinte e nove) listagens com os títulos que serão digitalizados, respeitando, para cada listagem, a média diária de páginas sugeridas pela coordenadora da BNDigital, aproximadamente 500 páginas/imagens, a média diária de capturas realizadas pelo Laboratório de Digitalização.

Ao final do trabalho de digitalização, serão quase 31.000 (trinta e um mil) imagens disponíveis, que também serão indexadas pelos pontos de acesso tradicionais: título, tema, data e local de publicação, bem como pelo DocReader, isto é, pelas palavras que compõem o conteúdo da publicação. Vale recordar que, ainda de acordo com a coordenadora da BNDigital, esses títulos também farão parte da Hemeroteca Digital Brasileira.

Não existe a possibilidade de mensurar a previsão de término dessa digitalização, visto que há um montante extenso de títulos, e estes se somam às demandas recebidas diariamente pelo

⁹ As the Internet creates a framework for communication across wide distances in space, cultural memory creates a framework for communication across the abyss of time.

Laboratório de Digitalização pelos outros setores da Biblioteca Nacional. E não se pode esquecer que a interação sujeito/ máquina, que caracteriza este trabalho, está sujeito a problemas. Contudo, à medida que os títulos forem sendo digitalizados, para poderem ser inseridos na página do projeto Periódicos & Literatura, será necessária a elaboração dos artigos que contextualizam cada título, bem como a escolha das personalidades que ilustrarão a página com uma pequena biografia.

É, sem dúvida, um trabalho que remete ao infinito. Finalizo evocando o conto de Jorge Luis Borges, que magistralmente descreve o espaço de uma biblioteca, a Biblioteca de Babel, construo afinal, por onde “passa a escada espiral, que se abisma e se eleva ao infinito” (BORGES, 2007, p. 69) – a imagem pessoal desta Biblioteca que, sendo Nacional, é, também, um pouco minha. Concluo, portanto, este texto, com as mãos atarefadas da profissional que sabe da efemeridade das coisas, mas que acredita e trabalha pela permanência da memória.